

Ecos do simbolismo-decadentismo no diário carioca *O País* (1890-1892)

Alvaro Santos Simões Junior *

RESUMO: A respeito da literatura europeia coetânea, os jornais brasileiros do final do século XIX traziam notícias e artigos diversos, assinados algumas vezes por correspondentes estabelecidos no Velho Continente, brasileiros ou estrangeiros. No jornal diário *O País*, destacavam-se as colaborações dos portugueses Pinheiro Chagas e Xavier de Carvalho, que em seus textos opinaram sobre o decadentismo-simbolismo português. A documentação recolhida na coleção do citado periódico, correspondente ao período de 1890 a 1892, permite vislumbrar como se deu no Brasil a divulgação e assimilação das novidades literárias europeias nos anos imediatamente anteriores à publicação de *Missal* e *Broquéis*, obras simbolistas de Cruz e Sousa, e possibilita também conhecer-se o choque geracional entre os *novos*, simpáticos ao decadentismo-simbolismo, e os *caraças*, escritores de reputação consolidada e próximos do naturalismo e/ou do parnasianismo.

PALAVRAS-CHAVE: Decadentismo; simbolismo; crítica literária, periódicos, *O País*.

ABSTRACT: About the coeval European literature, there were in Brazilian newspapers at the end of the nineteenth century news and reviews, sometimes signed by Brazilian or foreign correspondents established in the Old Continent. In the daily newspaper *O País*, the collaboration of the Portuguese writers Pinheiro Chagas and Xavier de Carvalho had acquired great importance; they evaluated in his writings the Portuguese decadentism-symbolism. The documentation collected in the collection of the said journal, corresponding to the period from 1890 to 1892, provides a glimpse into what happened in dissemination and assimilation of European literary innovations in the years immediately preceding the publication of *Missal* and *Broquéis*, symbolist works of Cruz e Sousa. The same texts allows one to know the generational clash between the *new*, friendly to decadentism-symbolism, and the *olds*, that had established reputation as writers and were next of naturalism and Parnassianism.

KEYWORDS: Decadentism; symbolism; literary criticism, periodicals, *O País*.

* UNESP (Assis)/CNPq/
FAPESP

Introdução

Apresentam-se aqui resultados parciais de uma investigação a respeito da repercussão *no Brasil* do movimento decadentista-simbolista português, que, de 1890 a 1893, tornou-se assunto recorrente da imprensa periódica portuguesa.¹ Pressupõe-se que jornais e revistas da cidade do Rio de Janeiro, principal centro cultural do Brasil no final do século XIX, habitado por uma numerosa e influente colônia lusitana, não ficaram indiferentes à *novidade* propalada, – positiva ou negativamente, – pela imprensa de Portugal. Justamente nesse período, Cruz e Sousa, primeiro simbolista brasileiro, preparava a publicação de *Missal e Broquéis*, obras que saíram à luz em 1893. Reveste-se, portanto, de algum interesse examinar o posicionamento dos periódicos brasileiros quanto ao decadentismo-simbolismo. Nestas poucas páginas, analisam-se notícias, resenhas e crônicas literárias do matutino *O País* publicadas de 1890 a 1892.

A Polêmica dos novos

Na década de 1890, um dos primeiros indícios de esforços para a renovação da literatura brasileira foi a polêmica dos novos, que se reuniram nas redações dos jornais *Folha Popular*, *Novidades* e *Cidade do Rio* e passaram a desafiar os escritores consagrados. Em *O País*, o primeiro a pronunciar-se sobre o grupo foi o humorista Busca-Pé (pseudônimo de Oscar Guanabara), que em 9 de outubro de 1890 se referiu aos novos como “uma plêiade de gênios que não têm nomes por modéstia, mas que meteram num chinelo Gonçalves Dias, Alencar e outros idiotas que escreviam, é verdade, mas que eram literatos que não sabiam escolher uma gravata nem deitar elegância pela rua do Ouvidor” (BUSCA-PÉ, 9 out. 1890, p.1).

Oscar Rosas, um dos mais atuantes dos *novos*, suscitou muita indignação ao criticar a terceira parte de um longo artigo que Sílvio Romero vinha publicando na *Gazeta de Notícias* sobre “A poesia brasileira contemporânea”. O objetivo do consagrado historiador da literatura brasileira

¹ Com bolsa de pós-doutoramento da CAPES, realizou-se de setembro de 2010 a fevereiro de 2011 na Biblioteca Nacional, na Hemeroteca Municipal de Lisboa e outras instituições portuguesas grande levantamento acerca de notícias, resenhas, ensaios, caricaturas etc. acerca dos livros decadentistas simbolistas.

seria o de “definir o novo lirismo”, então representado no Brasil por Luís Murat e Olavo Bilac. Antes de debruçar-se efetivamente sobre a obra desses poetas, Romero combateu em seu texto, publicado em 8 de outubro de 1890, a instrumentalização da arte, isto é, sua sujeição a teorias ou doutrinas políticas, religiosas ou filosóficas. Seguindo a tendência geral da arte, a “nova lírica nacional” não almejava “ser doutrinária, nem moralizante” (ROMERO, 8 out. 1890, p. 1).

Na *Cidade do Rio*, dirigida por José do Patrocínio, Oscar Rosas publicou em 9 de outubro de 1890 o artigo “Velhos” em que classificou de “inutilidade crítica” o artigo de Romero”, a quem considerava ironicamente um “bom pai de família, metido a sebo de falar de arte” com uma “estética duvidosa, a Castilho, a Tobias Barreto”. Rebaixando de tal forma o seu antagonista, Oscar Rosas não iria eximir-se de zombar de uma flagrante tautologia encontrada no texto que examinava: “Como definição e arte, o Sr. Sílvio dá esta: *Arte é a arte*, o que é magnífico” (ROSAS, 9 out. 1890, p. 1). Sem deter-se longamente na análise dos argumentos de Romero, o colaborador da *Cidade do Rio* condenou peremptoriamente o trabalho divulgado pela *Gazeta de Notícias* :

... nunca, até hoje, produziu [Romero] artigo que tanto desacreditasse um dilettante de letras, um bom professor honesto, como esse que, ontem, sem estilo, sem forma e sem cousa alguma de equilíbrio mental, injustamente, nos vem falar destas cousas. (ROSAS, 9 out. 1890, p. 1)

Em suas críticas ao *medalhão*, o *novo* Oscar Rosas atribuiu os supostos equívocos de Romero tanto a *inconsciência*, por ser este “vítima de leituras desencontradas” feitas “sem orientação”, quanto a *má-fé*: “o homem é ‘falsificado’, tanto em filosofia como em arte, cousa de que não entente, porque não a exerce e nunca provou conhecê-la” (ROSAS, 9 out. 1890, p. 1).

A virulência de Oscar Rosas em suas críticas pode parecer ratuita, mas Romero tinha espalhado em seu texto da *Gazeta de Notícias* algumas carapuças que bem poderiam servir para o *novo* jornalista. O crítico sergipano havia

mencionado os “mirmidões² do Brasil, pobres medíocres de inteligência e de cultura, que só acreditam nos fatos e nas ideias quando se lhes atiram em cima palavras de escritores estrangeiros”, e também os “pacotilheiros de sensaborias” que poderiam julgar a poesia como essencialmente doutrinária e moralizante. Romero atribuía a estes as “sovadas ideias na parvoeira da *prosa poética ou nas intrujices da poesia prosaica*” (ROMERO, 8 out. 1890, p. 1). Sendo muitos dos *novos* admiradores fervorosos dos poetas e teóricos franceses daquele tempo (Mallarmé, Verlaine, Moréas, Gustave Khan, René Ghil etc.) e apreciadores ou mesmo cultivadores da prosa poética, uma das principais novidades introduzidas pelos decadentistas-simbolistas, a irreverência do historiador da literatura brasileira deve ter desagradado profundamente Oscar Rosas e alguns de seus amigos.

Em *O País*, na edição de 11 de outubro, Busca-Pé (pseudônimo de Oscar Guanabary), com ironia, deu razão ao panfletário da *Cidade do Rio*, subscrevendo suas críticas a Sílvio Romero: “não presta para nada, não sabe nada, não tem talento, não usa gravata *chic*, não tem elegância, não digere o que lê, não sabe o que diz, e não diz o que sabe”. Sabia-se de antemão que o humorista tinha o crítico sergipano em alta conta e, com sua ironia, apenas evidenciava o despropósito do *novo* ao criticá-lo. Não é casual, por isso, que Busca-Pé no mesmo texto questionasse Oscar Rosas a respeito do “catálogo das produções dos novos” (BUSCA-PÉ, 11 out. 1890, p. 1), pois estes nada de significativo haviam publicado até então, ao contrário do que ocorria com o prolífico historiador da literatura brasileira.

Em uma decisão inusitada, Oscar Rosas deu continuidade às suas críticas ao artigo de Sílvio Romero em outro periódico, o vespertino *Novidades*. Tendo o crítico sergipano definido a arte como “uma planta que brota em um terreno diverso daquele em que frutificam a virtude e o vício, e planta que morre logo que querem mudá-la para outro sítio” (ROMERO, 8 out. 1890, p. 1), Rosas pôde dar-se o prazer de considerar tal definição “pura retórica melosa de paspalhice e toleima”. Treze anos mais novo do que o medalhão da crítica nacional, o cronista das *Novidades* julgou-se apto e no direito de dar conselhos ao seu antagonista, insinuando mais uma vez que este era estranho ao mundo da arte:

²Ajudantes de cozinha.

Olhe, um homem que é fiscal de bancos, professor, que tem de almoçar, jantar e ceiar, que pratica a higiene e mais algumas necessidades da civilização, que tem amigos a visitar, compras a fazer, etc., etc., perdoe-me Dr., não tem tempo de fazer arte, de cuidar dela e quem não faz isto não tem a sua amizade, não a entende.

[...] o dr. Sílvio deve lançar a vaidade pela porta a fora [sic] e tratar de ser um bom fiscal, senão nem uma nem outra cousa. (ROSAS, 11 out. 1890, p. 2)

A irreverência de Oscar Rosas desagradou também a João Ribeiro, cronista semanal de *O País*, que afetou não dar importância às suas críticas: “Esse diabo de *novo* sem ortografia e sem as suas primeiras letras conscientemente estudadas é um dos melhores da legião, mas... nem mesmo entende o que lê” (RIBEIRO, 12 out. 1890, p. 1). Na sequência da crônica, Ribeiro apresentou argumentos que comprovariam sua asserção.

A polêmica dos novos ainda iria suscitar muitos comentários e intervenções dos colaboradores dos periódicos cariocas. Nesse momento em que uma nova geração procurava afirmar-se contra os escritores consagrados, Valentim Magalhães emitiu em *O País* um “sinal de alarma” contra uma suposta decadência das letras nacionais: “Não surgem novos escritores e os antigos, isto é, os *que já estavam*, vão perdendo a força e o brilho, a própria voz”. Na opinião do crítico, Machado de Assis estava “quase mudo”, Olavo Bilac apenas passeava “a sua elegante nostalgia no *boulevard*”, deixando fechado o seu “escrínio oriental”, e Aluísio Azevedo havia adormecido “no *Cortiço*”. As causas, em sua opinião, seriam essencialmente duas: o aumento em número e formato dos jornais, que ocupavam “os raros e curtos lugares deixados pela *struggle for life* para leitura de volumes”, e o conturbado contexto do Encilhamento: “a febre do dinheiro, a carestia da vida, a despreocupação das coisas da arte e a preocupação das da bolsa por parte do público produziram a baixa na procura e, portanto, na produção”. Via-se logo que o crítico não julgava ser possível depositar esperanças de regeneração nos chamados *novos*, haja vista que, em sua opinião, jamais se vira “*mort-nées* mais lamentáveis”, gorados “nos

respectivos ovos logo após as primeiras e atrevidas bicadas na casca”. Sendo assim, Magalhães convocava à reação “os chefes ilustres que a imprensa coroa[va], reverente e ofuscada, os gloriosos generais da nossa literatura” (MAGALHÃES, 25 jun. 1891, p. 1). Ou seja, contava com os *carracas*.

O alarmismo de Valentim Magalhães não ficou sem resposta e, assim, em 2 de julho de 1891, o crítico voltou às páginas de *O País*, para justificar-se diante dos que contestaram os argumentos de seu artigo sobre a “Decadência literária”. A primeira contestação que rebateu dizia respeito à possibilidade de ser a imprensa periódica veículo legítimo e eficaz da literatura. Para Valentim Magalhães, porém, não haveria “literatura sem livros”, porque “não se escrevem obras de fôlego e valor para terem a duração de uma gazetilha”, para desaparecerem juntamente “com as folhas que as publicassem”. Em sua opinião, jornais e revistas seriam de “incômoda leitura” e não chegariam às “camadas populares”. No Brasil, com exceção de alguns contos e “raríssimos romances” e apesar da contribuição de jornais como *O País*, *Gazeta de Notícias* e *Correio do Povo*, a literatura veiculada por periódicos ficava reduzida a “ligeiros artiguetes escritos sobre a perna para as seções fixas das folhas”. O segundo argumento de seus contestadores, que diziam estar a caminho “uma deslumbrante inundação de obras-primas”, Magalhães destruiu com ironia, observando simplesmente que tal produção ainda estava nas “nebulosas regiões do incriado” e apenas poderia “entrar na ordem das possibilidades”. Para o crítico, essa crença em “promessas de obras-primas que nunca aparecem” e as “doças esperanças de escritores de gênio” estavam associadas a uma “ingenuidade cabocla”. Por fim, Magalhães acrescentou duas causas para a decadência literária não mencionadas no artigo anterior: “falta de educação do povo” e “carência de regulamentação dos direitos autorais” (MAGALHÃES, 2 jul. 1891, p. 2). Observe-se que os argumentos de Valentim Magalhães atingiam a maioria dos novos, que, ainda inéditos em volume, vinham publicando suas produções em periódicos.

Xavier de Carvalho

Papel importante na difusão das ideias e obras decadentistas-simbolistas foi exercido pelos diversos correspondentes estrangeiros dos periódicos cariocas, que procuravam colocar seus leitores brasileiros a par do que se passava na Europa. Para *O País*, Xavier de Carvalho enviava a sua “Carta parisiense”, onde sempre havia referências à literatura francesa e, eventualmente, à portuguesa. O cronista não primava pela modéstia e não escondia ser amigo de escritores decadentes e de Léon Vanier, que informava ser o editor “de todas as refinadas elegâncias da prosa e do verso moderno” (CARVALHO, 18 set. 1891, p. 2).

Ao noticiar a iminente publicação, pela casa editora de Vanier, de *Mes hôpitaux*, de Paul Verlaine, Carvalho descreveu para seus leitores cariocas o hotel “meio borgne” em que habitava o poeta francês e narrou-lhes em primeira mão anedotas que ouvira do próprio autor da *Sagesse*, com quem almoçara poucos dias antes e que lhe narrara episódios de sua existência picaresca (CARVALHO, 8 jul. 1891, p. 2).

Ao tratar da “maior inundação”, nas livrarias parisienses, “de versos simbólicos e decadistas”, Xavier de Carvalho disse aos leitores de *O País* que costumava apreciar os novos livros, como um aperitivo, às “margens verdes” do Sena, de “papo para o ar”, acompanhando o movimento dos barcos (CARVALHO, 25 set. 1891, p. 2). Apesar desse seu evidente esnobismo, - ou justamente por causa dele, - o cronista português não deixava de noticiar a publicação de livros de “simbólicos” como Albert Saint Paul (CARVALHO, 25 jun. 1891, p. 2), de “romanos” como Chales Maurras (CARVALHO, 18 set. 1891, p. 2) e de “neocatólicos” como Laurent Tailhade, Luis le Cardonnel e Charles Morice (CARVALHO, 25 set. 1891, p. 2).

Em 20 de julho de 1891, ao tratar dos “livros novos” no fragmento final de sua crônica, o correspondente estrangeiro noticiou a publicação das Poesias, de Alberto de Oliveira, cujo título trocou por Versos de Alberto de Oliveira, e entrou a dissertar sobre a literatura contemporânea de Portugal. Do livro, disse possuir

“impressão magnífica” e conter duas “gravuras admiráveis”. Em sua opinião, em Paris “não se faria uma edição superior a esta”. As considerações de Xavier de Carvalho sobre os poemas propriamente ditos não foram além da generalidade de dizer que as “rimas tilinta[va]m numa guizalhada satânica, entre o explosir [sic] de mil auroras sob um céu de morango maduro”. Havia mais precisão em sua observação de que os “admiráveis versos” do livro seriam “de uma fatura toda moderna, como os versos de [Francis Vielé-]Griffin e de muitos dos novos decadistas” (CARVALHO, 20 jul. 1891, p. 2).

Em sua crônica, Carvalho também destacou o fato de que a segunda parte do livro, “Pores de sol”, era dedicada a Antonio Nobre. Essa menção forneceu-lhe o pretexto para tratar da “nova geração de poetas e prosadores” surgida em Coimbra e no Porto, de cujos membros muitos haveriam de “vingar”, caso não se esterilizassem “no café Suíço e no Camanho, entre a intriguinha barata e o elogio mútuo”. Alberto de Oliveira estaria fadado ao sucesso e constituía com seu amigo Nobre e Alberto Osório de Castro, Agostinho de Campos, Oliveira Alvarenga, Eugénio de Castro, António de Oliveira Soares e Raul Brandão a “falange” que deveria triunfar sobre a “esterilidade do meio literário lisboeta”. Tal floração não era casual, pois fora “no norte que se robusteceram quase todos os grandes mestres da moderna literatura portuguesa” como, em sua opinião, Antero de Quental e Teófilo Braga (CARVALHO, 20 jul. 1891, p. 2).

Em breve consideração formal sobre as *Poesias*, de Alberto de Oliveira, o corresponde estrangeiro notou queo jovem poeta português adotara os alexandrinos com cesuras na quarta e oitava sílabas poéticas, que eram então “muito usados pela moderníssima geração lírica francesa, sobretudo pelos poetas de Bruxelas”. Carvalho confessou que, em seus ouvidos acostumados ao alexandrino tradicional, composto de dois hemistíquios, os novos soavam “sem harmonia”. Reconheceu, no entanto, com boa vontade, que era apenas “questão de habituar o ouvido à nova cadência” (CARVALHO, 20 jul. 1891, p. 2).

O minucioso e equilibrado relato sobre o decadentismo-simbolismo português e a amizade com o editor Vanier e escritores modernos como Verlaine poderiam fazer supor

que Xavier de Carvalho fosse admirador e defensor intransigente das novidades literárias europeias. No entanto, suas restrições a elas ficaram evidentes quando tratou de um suposto *krack* do livro, que a imprensa parisiense havia colocado na ordem do dia. Se havia tal crise, ela não podia, em sua opinião, ser atribuída ao “fastio” do público para com a “literatura demasiadamente doutrinária” ou à “liquidação do realismo”.

Segundo Carvalho, um dos fatores poderia ser a concorrência dos *gabinetes de leitura*, que facilitavam e barateavam o acesso às publicações. Outro talvez fosse o excesso de oferta, pois “todos os rapazes de 20 a 25 anos, educados pela boêmia do bairro latino e pelos símbolos decadistas”, publicavam “um volume por ano”. Eram muitos escritores novos e muitos “imortais de pacotilha”:

Ele é o imortal Jean Moréas, hoje descrente do simbolismo e guindado a patriarca da escola romana; ele é o imortal René Ghil, o chefe dos instrumentistas-evolutivos, descobridor do decadismo em Portugal; ele é o imortal Albert Saint-Pol-le-Magnifique, simbolista de quatro costados.

O grande público, porém, mantinha-se afastado deles, pois não os conhecia nem compreendia “deliquescências e nevroses”. Como Paul Bourget, Guy de Maupassant, Mirbeau e Mélévier vendiam bem e Zola continuava a desfrutar de uma popularidade extraordinária, *krack*, se havia, era o “das publicações decadistas, dos romances sem miolo, dos livros pessimistas” (CARVALHO, 22 out. 1891, p. 2).

Pinheiro Chagas

Um dos mais acatados correspondentes estrangeiros da imprensa carioca era certamente Pinheiro Chagas, ex-ministro, deputado, literato e jornalista português. Para O País, escreveu dois artigos em que zombou dos dois principais representantes da nova geração de poetas

portugueses, isto é, Eugénio de Castro e Antóno Nobre. O artigo em que tratou do autor de *oaristos* (1890) e *Horas* (1891) recebeu o título de “Os nefelibatas”, termo com que a imprensa portuguesa então se referia pejorativamente aos jovens poetas, embora houvesse figurado, como um cartel de desafio, no prefácio das *Horas*, no qual Castro se atribuía um “nobre e altivo desdém de nefelibata” (CASTRO, 1891, p. VI). Pinheiro Chagas criticou-lhe as pretensões de fundar-se uma escola poética e imporem-se regras de composição (CHAGAS, 9 jan. 1892, p. 1). Quanto ao poeta do *Só*, ridicularizou sua artificiosa ingenuidade ou simplicidade, mas reconheceu seu talento e sua capacidade de forjar imagens belíssimas e originais (CHAGAS, 19 jul. 1892, p. 1).

Ambos os artigos foram republicados com intervalos menores do que um mês no *Correio da Manhã*, de Lisboa, periódico que era dirigido pelo próprio Pinheiro Chagas. Antes de ocorrerem essas publicações, os textos já haviam suscitado polêmica em Portugal graças a números do carioca *O País* que atravessaram o Atlântico e em virtude de transcrições parciais realizadas por outros periódicos portugueses. Pode-se presumir que a publicação integral dos artigos era aguardada com certa ansiedade pelo público de Portugal.

Em *O País*, edição de 16 de agosto de 1892, Pinheiro Chagas também publicou sobre *Os simples*, de Guerra Junqueiro, um artigo que se compunha de uma transcrição de breve resenha já publicada anonimamente no citado diário lisboeta em 3 de junho e de novas considerações sobre o livro. Na primeira parte, divulgada previamente em Portugal, havia breves considerações sobre vários poemas do livro, mesclando-se elogios e reparos críticos. Embora reconhecesse que *Os simples* possuíam “páginas verdadeiramente admiráveis”, Chagas começava por observar que às vezes fatigava “um pouco” a “repetição quase incessante do mesmo ritmo”. Depois de dizer que se entusiasmara com o poema “Prelúdio”, afirmou que Junqueiro quis, com “A moleirinha”, provar que, ao “fazer nefelibatismo”, o fazia “melhor que todos os outros juntos”. Deste poema, cita versos em que se atribuem pensamentos a um burrico, para quem as estrelas eram

“milho loiro” e a lua, “mó de jaspe”. O trecho suscita comentário sarcástico de Chagas:

O Sr. Eugénio de Castro fez da lua peneira, o Sr. António Nobre leiteira, o Sr. Guerra Junqueiro mó de moinho. A noite para o Sr. Eugénio de Castro é padeira, para o Sr. António Nobre dona de uma vacaria, para o Sr. Guerra Junqueiro moleira. / Pobre noite! E pobre lua! Caíram em boas mãos! (CHAGAS, 16 ag. 1892, p. 1)

Se para o correspondente estrangeiro do matutino carioca *O País* o poema “O cadáver” era “admirável”, “Ermidas”, “encantador”, e “O pastor”, uma “obra-prima”, o “Campo santo” não passava de uma “estopada”. Já “O cavador”, que considerava uma “poesia dilacerante de tom”, ficaria prejudicado pelo cansaço proporcionado pelo “dobro de sinos constante” do restante do livro. Para Chagas, o poema “Epílogo” seria “soberbíssimo”; dele transcreveu uma estrofe que o teria feito “correr as lágrimas de um modo irresistível” (CHAGAS, 16 ag. 1892, p. 1).

Na continuação escrita apenas para seus leitores brasileiros, o cronista desenvolveu um pouco mais a comparação entre o “Prelúdio”, poema de abertura, e o “Epílogo”. Chagas condenou a solução alegórica adotada para o primeiro, empregando o seguinte argumento:

... quando um poeta de gabinete, um épico erudito, ainda que se chame Virgílio, começa a fazer esforços para criar alegorias, para transformar em entes que a sua fantasia laboriosamente fabrica os seres da vida real, os sentimentos da sua alma, nada há mais fatigador e mais fastidioso. (CHAGAS, 16 ag. 1892, p. 1)

Após prever que Junqueiro ainda seria reconhecido como “um dos grandes poetas portugueses” do século XIX, que de A morte de D. João e A velhice do Padre Eterno sobreviveriam “largos trechos” do “naufrágio” do conjunto e que de A musa em férias e Os simples seria extraída uma “seleta” destinada a “encantar” os pósteros, Chagas acusou

o poeta de escrever “A moleirinha” por não gostar de ser precedido por “inovadores de qualquer espécie”, por receio de ser considerado “fora de moda”, por temer que o público abandonasse *Os simples* para “se extasiar com as audácias do *Só*, de António Nobre”, e por não se conformar com “um passageiro eclipse da popularidade que o inebria[va]” (CHAGAS, 16 ag. 1892, p. 1).

No fragmento final de seu texto, o cronista toma o poema “Cadáver” como indício de inflexão no espírito do poeta, que, invadido por um “sopro panteístico”, já não seria capaz de escrever o prometido livro *A morte de Jeová*, com o qual se encerraria sua trilogia satírica. Não era ainda, assegurava, a conversão completa do poeta ao catolicismo, mas indicação de que sua alma voltava-se, “compungida e anelante, para os ideais da crença, ainda vaga e indefinida” (CHAGAS, 16 ag. 1892, p. 1).

A Repercussão de *Os simples*

Bem mais velho do que António Nobre e Eugénio de Castro, nascidos, respectivamente, em 1867 e 1869, Guerra Junqueiro, que contava 41 anos quando publicou sua obra lírica intitulada *Os simples*, conseguiu obter da imprensa carioca uma atenção que não foi dispensada aos citados *nefelibatas*. Com *O País*, não foi diferente. Além de Pinheiro Chagas, outros colaboradores escreveram a propósito do livro.

No fragmento final de sua coluna “Reminiscências” de 27 de junho de 1892, José Fino (possivelmente pseudônimo de José Júlio da Silva Ramos) disse que a semana então concluída fora “assinalada por um acontecimento literário”, o surgimento de nova obra do “revolucionário da poesia portuguesa”, isto é, Guerra Junqueiro. Segundo o cronista, haveria em *Os simples* “um lirismo encantador, uma suavidade bucólica, sem banalidades choramingas”. Tal fora a transformação do poeta, que seria difícil reconhecer nele “o agitador do protesto social na *Morte de D. João*” (FINO, 27 jun. 1892, p. 1).

Sob o conhecido pseudônimo de Caliban, Coelho Neto também dignou-se opinar sobre o novo livro de Guerra Junqueiro. Iniciou-se a crônica por considerações gerais sobre os críticos literários, que seriam incapazes de

expressarem-se com sinceridade e clareza “sem interferência dos mestres”. A crítica seria, assim, apenas “uma subsidiária de pensamento alheio”. Quando, adiante, Caliban disse não possuir a “ciência altíssima da crítica”, já se sabia que pretendia ser irônico e, na verdade, valorizar seu pretense costume de formular suas opiniões “às escâncaras, desassombradamente, sem circunlóquios, sem arrebiques”. Para o cronista, o livro de Guerra Junqueiro seria “mais do que uma grande pastoral em que tomam parte promiscuamente seres e coisas” e deveria ser lido como a expressão alegórica da vida e dos sentimentos do poeta. Ao final da crônica, suspendendo suas considerações sobre *Os simples*, Caliban declarou ter pretendido apenas aguçá-la a curiosidade do leitor por aquela “bíblia que Teócrito não duvidaria assinar”. Nessa avaliação essencialmente positiva, as “estrofes maviosíssimas” (CALIBAN, 17 jul. 1892, p. 1) do livro não foram associadas ao *nefelibatismo* ou *decadentismo*, o que poderia comprometer a sua recepção pelo público. Cabe assinalar que a livraria Garnier publicou em *O País* pelo menos três anúncios do livro,³ que expunha à venda em suas prateleiras. Poderiam os colaboradores do jornal exprimir uma avaliação que depreciasse *Os simples*?

No início de 1893, sob as iniciais C. F., Crispiniano da Fonseca relatou em suas “Lérias” encontro que tivera um ano antes, no Porto, com o satírico de A velhice do Padre Eterno. Naquela ocasião, Junqueiro lhe confidenciara ter “enfim conseguido achar “uma revolução completa à estética contemporânea” (FONSECA, 13 jan. 1893, p. 1).

Esse testemunho do jornalista português vinha reforçar a impressão de que Guerra Junqueiro nutria grandes expectativas em relação à repercussão de sua obra lírica. Como concluíra Pinheiro Chagas, o poeta de *Os simples* não suportava a ruidosa “concorrência” dos jovens nefelibatas, que ameaçavam ofuscar o seu brilho e negar o seu protagonismo.

Uma bela síntese

Em longo e importante artigo publicado em *O País* no dia 29 de dezembro de 1892, o português imigrado

³ Em 14, 16 e 18 de setembro de 1892.

Crispiniano da Fonseca⁴ tratou das tendências de renovação da literatura em França e também em Portugal. Começou por observar que ocorreu com os “decadistas” o que geralmente aconteceria com aqueles que rompem com a “tradição” apresentando um “trabalho original”: “os já consagrados [...] surgem a gritar contra os recém-vindos”. Em França, colocou-se na liderança do movimento de renovação Verlaine, secundado por Tristan Corbière, Mallarmé, Moréas, Kahn e Rimbaud. Já em Portugal “rompeu à frente” Eugénio de Castro com os seus Oaristos, que levantaram “uma gritaria geral”. Se, em um primeiro momento, “ninguém compreendeu o poeta”, já então se fazia justiça aos nefelibatas, entre os quais se contavam António Nobre, “um dos maiores poetas portugueses”, e Alberto de Oliveira, “um dos melhores prosadores” (FONSECA, 29 dez. 1892, p. 1).

Após esse preâmbulo, o crítico se empenhou em apresentar as principais características formais e temáticas do “decadismo”, lançando mão de exemplos franceses e, principalmente, portugueses. Sobre o propalado misticismo, reconheceu que este não seria, de fato, sincero, pois lhe faltaria “a base de crença”. Fonseca assim justificou sua opinião:

O poeta não crê, mas deseja crer e esse desejo, com o poder de sugestão que uma alma de poeta comporta, dá uma aparência de crença à ideia e reveste-a do caráter de ingenuidade que particularmente encanta. (FONSECA, 29 dez. 1892, p. 1)

Como resultado desse processo, a obra de arte adquiriria um “duplo aspecto místico e mistificante”. Em função dessa orientação nova, a “escola decadista” inclinou-se para “novas formas poéticas”: 1) aproveitamento de formas poéticas antigas como o rondel e a xácara; 2) a heterometria; 3) léxico arcaizante; 4) atribuição de função simbólica a aspectos materiais do poema (talvez se referisse ao uso de iniciais maiúsculas ou de tipos de tamanho e/ou feitiço diferentes); 5) repetições de palavras e versos; 6) “falta de cesura” no alexandrino e 7) onomatopéias (aliteraões).

4 Nascido em Aveiro no ano de 1961, José Crispiniano da Fonseca formou-se em Engenharia Civil e pode, graças aos recursos da família, viajar por toda a Europa, tornando-se fluente em várias línguas. Chegou ao Brasil em julho de 1892 e pouco depois já integrava a redação do matutino O País, respondendo pela crítica literária e teatral. Durante a Revolta da Armada, enviou espontaneamente correspondência ao Século, de Lisboa, com o objetivo de combater uma suposta “campanha de difamação” contra o Brasil. Faleceu no dia 16 de fevereiro de 1894 por haver contraído febre amarela.

O que torna o artigo de Crispiniano da Fonseca especialmente interessante é o fato de ter esse crítico apresentado para todos os casos exemplos dos portugueses Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro e António Nobre. Quando se tratou de condenar o abuso da *obscuridade*, que levaria ao *hermetismo*, encontrou-se o exemplo probante em versos do francês Verlaine.

No encerramento do seu artigo, Fonseca associou a “orientação da nova poesia” ao “estado de espírito da humanidade” no final do século XIX. Com o predomínio do “fatalismo científico” e do materialismo, teria ressurgido enfim a necessidade de “acreditar em uma existência outra”. Assim, o “decadismo” vinha ao encontro da “ânsia messiânica” da sociedade de então (FONSECA, 29 dez. 1892, p. 1).

CONCLUSÃO

Assim como outros jornais, *O País* envolveu-se na polêmica dos *novos*, dos quais muitos seriam anos depois membros atuantes do grupo simbolista. No começo da década de 1890, os *novos* experimentavam suas armas contra *medalhões* como Sílvio Romero e eram alvos de manifestações de desprezo ou zombaria como as promovidas por Oscar Guanabara, João Ribeiro e Valentim Magalhães.

Graças aos seus correspondentes estrangeiros, *O País* permitiu aos seus leitores colocarem-se a par do decadentismo-simbolismo europeu. Nesse aspecto, papel fundamental desempenhou a “Carta parisiense”, de Xavier de Carvalho, que proporcionou aos seus leitores cariocas informações detalhadas sobre a vida literária francesa, divulgando as obras e as personalidades de Verlaine, Mallarmé, Jean Moréas etc., e promoveu, apesar de eventuais restrições, jovens escritores portugueses como Alberto de Oliveira e António Nobre.

Até mesmo o conservador Pinheiro Chagas, que com seu sarcasmo combatia o artificialismo e a falta de sinceridade com que julgava comprometidos os novos e até mesmo o veterano Guerra Junqueiro, contribuía paradoxalmente para a divulgação no Brasil das obras dos

nefelibatas portuguesas.

Os redatores e colaboradores brasileiros do matutino *O País* não deram grande atenção aos decadentistas-simbolistas europeus no período de 1890 a 1892. Como exceção que confirma a regra, pode-se mencionar a recepção de *Os simples*, de Guerra Junqueiro, autor que contava com o apoio promocional da influente livraria Garnier e já conquistara uma sólida reputação no Brasil com suas obras satíricas: *A morte de D. João* (1874) e *A velhice do Padre Eterno* (1885).

Coube a um português recentemente imigrado, Crispiniano da Fonseca, publicar em *O País*, no final de 1892, o melhor artigo sobre o decadentismo-simbolismo europeu com informações precisas sobre autores, obras e, principalmente, a estética decadentista-simbolista, colocando ênfase na orientação místico-religiosa, nas ousadias formais, na obscuridade muitas vezes voluntária e na correspondência com as tendências ascendentes do pensamento do final do século XIX.

O levantamento realizado em *O País* confirma, portanto, o interesse de uma ampla investigação nos periódicos cariocas sobre a repercussão do decadentismo-simbolismo português no começo da década de 1890.

REFERÊNCIAS

- BUSCA-PÉ [pseudônimo de Oscar Guanabarin]. Foguetes. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 9 out. 1890.
- _____. Foguetes. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 11 out. 1890.
- ALIBAN [pseudônimo de Coelho Neto]. Palestra. A propósito dos “Simples”. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 17 jul. 1892.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 25 jun. 1891.
- _____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 8 jul. 1891.
- _____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 20 jul. 1891.
- _____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 18 set. 1891.

_____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 25 set. 1891.

_____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 22 out. 1891.

_____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 7 nov. 1891.

_____. _____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 1. maio 1892.

CASTRO, Eugénio de. *Horas*. Coimbra: Manuel d'Almeida Cabral, 1891.

CHAGAS, Pinheiro. Os nefelibatas. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 9 jan. 1892.

_____. Simples. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 16 ag. 1892.

_____. Só. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 19 jul. 1892.

F., C. Lérias. Guerra Junqueiro. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 6. col., 13 jan. 1893.

FINO, José. Reminiscências. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 27 jun. 1892.

_____. Reminiscências. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 3 jan. 1892.

FONSECA, Crispiniano da. Decadismo. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-3. col., 29 dez. 1892.

GUERRA Junqueiro... *O País*, Rio de Janeiro, p. 4, 6. col., 18 set. 1892.

_____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 5, 1. col., 14 set. 1892.

_____. *O País*, Rio de Janeiro, p. 6, 2. col., 16 set. 1892.

GUERRA, J. Humorismos. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 6 jul. 1891.

GUIMARAENS, Affonso.⁵ Dos "Salmos". *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 2. col., 11 set. 1892.

_____. Radidja. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 17 out. 1892.

_____. Impressões de leitura. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 3-4. col., 13 dez. 1890.

_____. Impressões de leitura. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 17 dez. 1890.

⁵ Embora se tenha, de maneira uniforme, procedido à atualização ortográfica dos nomes próprios, conservou-se a oscilação de formas para o nome do poeta mineiro, que, depois, acabou por adotar a solução arcaizante de Alphonsus de Guimaraens.

_____. Literatura sem livros. O País, Rio de Janeiro, p. 2, 4. col., 2 jul. 1891.

_____. O País, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 17 nov. 1891.

R., J. [iniciais de João Ribeiro]. O País, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 12 out. 1890.

ROMERO, Sílvio. A poesia brasileira contemporânea - III. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1, 5.-6. col., 8 out. 1890.

ROSAS, Oscar. Janela do espírito. Novidades, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 11 out. 1890.

_____. Velhos. Cidade do Rio, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 9 out. 1890.

TESOURA [pseudônimo de Augusto Fábregas]. Aparas. O País, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 12 ag. 1892.

_____. _____. O País, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 13 ag. 1892.

_____. _____. O País, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 17 ag. 1892.

UM NEFELIBATA. O País, Rio de Janeiro, p. 2, 2. col., 2 dez. 1892.

VERLAINE, Paul. *Soneto decadente*. O País, Rio de Janeiro, p. 1, 6. col., 5 out. 1892.